

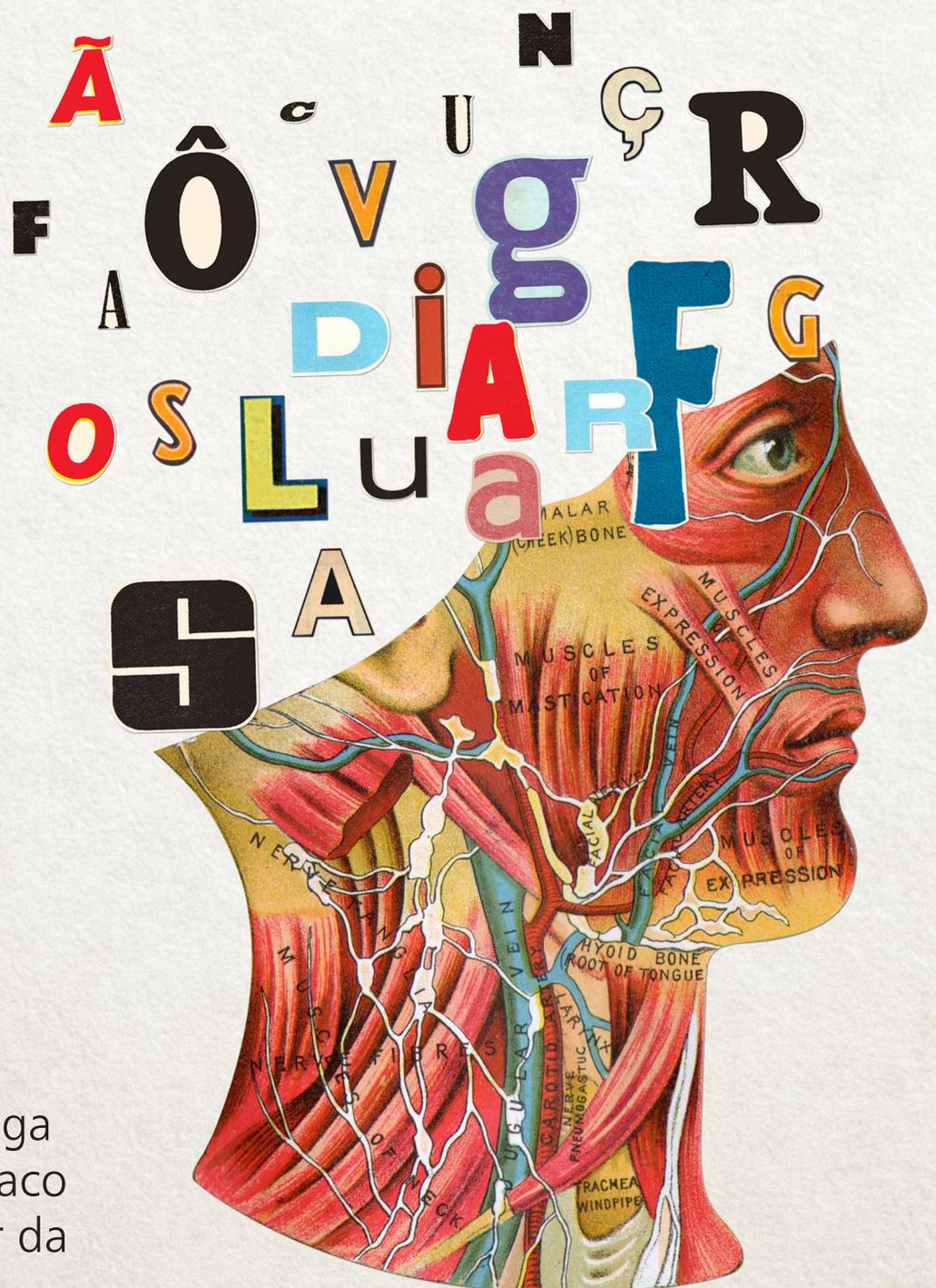
Boletim

Nº 2.061 - Ano 45 - 3 de junho de 2019

ALFABETIZAÇÃO E MEMÓRIA

Cerca de 30% das causas irreversíveis da demência, incluindo o baixo nível educacional, são passíveis de prevenção. Com base nessa constatação, a médica Elisa de Paula França Resende, doutoranda em Neurociências na UFMG, pretende verificar, por meio de estudo com voluntários, se a alfabetização, ainda que tardia, pode contribuir para a saúde cerebral das pessoas, gerando mais estratégias de memorização.

Página 5



Veterinária investiga potencial do macaco como transmissor da leishmaniose

Página 4

Do Fundão à Fund(aç)ão: ação, **AVANÇOS** e **RETROCESSOS** em Bento Rodrigues

Vagner Luciano de Andrade*

A recente ocorrência da tragédia em Brumadinho e o estado de pânico que se ampliou posteriormente em outras áreas de barragens minerárias reacenderam a discussão acerca dos passivos ambientais e danos ocasionados pela égide mineradora sobre paisagens e patrimônios. As leis efetivamente não surtiram o efeito desejado, e isso se explicitou na frustração de toda uma coletividade. Em ambos os casos, uma indagação evidencia-se: quais leis estão sendo aplicadas para assistência e proteção das pessoas cujas vidas foram aterradas pela lama de rejeitos? Em Mariana (MG), uma fundação foi criada para acompanhar e sistematizar as condicionantes de reparação/recuperação, porém os moradores ainda permanecem realocados – de suas vidas e realidades – em moradias provisórias. Assim é mais que pertinente discutir permanências e rupturas da reparação efetiva de danos socioambientais sobre Bento Rodrigues, em Mariana, e demais comunidades ribeirinhas na calha do Rio Doce, após a lama de rejeitos minerários.

Estudar a tragédia das barragens rompidas em Mariana e punir efetivamente os culpados são duas ações que deveriam servir de resposta à comunidade mineira, ao Brasil e ao mundo. No entanto, decorridos três anos de avanços e retrocessos na condução judicial do caso, o Brasil foi surpreendido por outra tragédia: o rompimento da barragem da mina do Córrego do Feijão. Brumadinho sempre se lembrará das mais de 300 vítimas desse desastre, que transformou a cidade num vale da morte. Nesse contexto, apurar a responsabilidade e a aplicação da lei nos casos de Bento Rodrigues e Córrego do Feijão é uma pesquisa mais que necessária. É emergencial! Elucidar essas catástrofes é pauta para ontem. É preciso dimensionar os danos ao meio ambiente, ao patrimônio cultural, às comunidades e seus meios tradicionais de subsistência, bem como a cultura local, evidenciando o cumprimento de todas as prerrogativas legais até então descumpridas ou negligenciadas.

A comunidade científica tem-se posicionado no amplo mapeamento, espacialização e análise ambiental, incluindo as questões de saúde pública inerentes ao sofrimento mental dos afetados. Diferentes pesquisadores buscam dimensionar o panorama e contexto interdisciplinar da questão empreendendo diferentes pesquisas como desdobramentos pontuais e metodológicos que, respaldados em rigor, cientificidade, credibilidade, dão feedback imediato à sociedade brasileira e mundial. Registram-se assim as perspectivas, permanências e rupturas do rompimento das barragens de Fundão e Santarém.

Esse adoecimento psíquico das pessoas ocorre quando as relações afetivas e simbólicas com o lugar são rompidas. Os casos recentes de rompimento afetaram paisagens camponesas e de excepcional natureza, ocasionando a descaracterização total das referências simbólicas e culturais das comunidades ribeirinhas.

Um estudo que abarque com amplitude as consequências do crime ainda não se consolidou. A fundação criada para efetivar auxílios e benefícios diretos e indiretos para as famílias atingidas, via obrigatoriedade legal, tem tido atuação por vezes difusa e incompleta. No caso de Bento Rodrigues, o novo povoado planejado para ser estabelecido em área mapeada como segura e viável teve sua construção adiada várias vezes.

É preciso diagnosticar os impactos sobre o patrimônio ambiental e as comunidades que até então dependiam desse ambiente para viver harmonicamente resguardadas pelo direito previsto no artigo 225 da Constituição Federal. A atenção de todos os envolvidos busca averiguar a dimensão dos impactos sobre o patrimônio cultural material/imaterial, sobre o patrimônio natural e sobre as relações de subjetividade, de pertencimento. A relação cultural com o lugar, ou seja, os laços e enlacs comunitários que existiam ali foram cortados. Dentro das prerrogativas e normas legais em vigor, o que foi cumprido ou não no sentido de reversão do quadro de destruição, de desolação? Como ocorreu a judicialização dos diferentes casos de impactos sobre os patrimônios culturais e ecológicos? Tanto a comunidade científica quanto o Judiciário devem ainda dimensionar os impactos socioeconômicos sobre a população atingida, pois as pessoas perderam casas, bens, carros, meios de subsistência. Como elas reagiram e se refizeram após a tragédia?

Os tramites atuais devem-se concentrar em analisar, à luz da jurisprudência atual, os impactos sobre a economia local, a ecologia e a cultura material/imaterial após os danos sofridos, evidenciando as várias facetas de um amplo crime ambiental não criminalizado, discutindo com a sociedade os referenciais legais e os ajustes necessários na legislação em vigor. Ao evidenciar os avanços e retrocessos na condução da responsabilização pelos vários crimes associados ao rompimento da barragem minerária, a coletividade optará por um disciplinamento maior e mais exigente, pois a ausência de punição severa e efetivamente adequada trouxe prejuízos incomensuráveis às comunidades.

Como novos panoramas não se consolidaram em Mariana, a tristeza se repetiu três anos depois. Descaso? Desleixo? Irresponsabilidade? Brumadinho e Mariana evidenciam uma tessitura de atrasos, retrocessos e poucos avanços do judiciário no sentido de criminalizar e punir os culpados. É por isso que judiciário, coletividade e a universidade se unem, agora, para que episódios como esses não entristeçam mais o Brasil e o mundo. Mar de lama, nunca mais! Esse é o grito que nunca se calará.

*Agente de Educação e Mobilização Sociocultural da Rede Ação Ambiental

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, por meio de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou trélicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

As maiores VÍTIMAS

Tese da Psicologia descreve os efeitos do rompimento da barragem em Mariana sobre as mulheres

João Paulo Alves

“**M**ariana é nome de cidade, que é mulher, é feminino e é atingida. É mulher pobre, trabalhadora rural, dos distritos destruídos pela lama, é mulher negra, como a maioria das mulheres de Paracatu, Pedras, Borbas e Campinas”. É dessa forma que a psicóloga Débora Diana da Rosa enxerga os impactos que aterrorizam a parcela da população mais afetada pelo rompimento, em novembro de 2015, da barragem da Mina de Fundão, de propriedade das mineradoras Samarco, Vale e BHP Billiton.

A psicóloga, que defendeu tese em março deste ano no Programa de Pós-graduação em Psicologia da UFMG, afirma que as mulheres são continuamente afetadas. “A tese é resultado de um intenso trabalho de campo. Estive por quase dois anos e meio acompanhando cotidianamente as famílias, além de participar de audiências públicas e atos realizados pelas atingidas e pelos atingidos para reivindicar seus direitos”, esclarece a doutora.

Seu trabalho teve início em 2016, quando atuava como psicóloga no atendimento às famílias afetadas pelo rompimento da barragem. Sensibilizada pela proporção da tragédia, das dores e das lutas da comunidade, Rosa decidiu alterar a temática de sua pesquisa. “Na época, eu já cursava o doutorado na UFMG com outro tema. No entanto, trabalhar em Mariana mudou também os caminhos do meu doutorado, e, assim, oficializei a mudança do meu tema de pesquisa em setembro daquele ano”, explica.

Para construir a pesquisa, Débora Rosa analisou reportagens jornalísticas produzidas na época do rompimento e atas das

primeiras reuniões. Participou também de audiências públicas e assembleias convocadas pelo Poder Judiciário com as empresas e os afetados e entrevistou, em profundidade, cinco mulheres que relataram como o episódio marcou suas vidas e impôs nova rotina a partir daquele 5 de novembro de 2015. “Nesse exercício, observei que violências das mais distintas ordens atualizam-se no cotidiano das envolvidas”, afirma.

Violências

A pesquisadora salienta que a população é impactada por uma série de violências, que ela define como econômica/institucional e psicossocial. O eixo central das violências é o modelo de mineração em voga no Brasil que culminou no rompimento da barragem em Mariana. Os efeitos mais visíveis referem-se à destruição dos territórios e dos modos de vida das populações diretamente afetadas. Outra violação diz respeito às relações estabelecidas entre o Estado, o Judiciário e as empresas. Débora Rosa constata que, em sua maioria, os acordos firmados acabaram beneficiando as empresas, as quais considera criminosas.

Rosa sustenta que as mulheres, além de afetadas por esses processos de violações, sofrem com uma terceira forma de violência: a patriarcal, originária do sistema estrutural machista de opressão. Em sua pesquisa exploratória, a autora do estudo presenciou uma série de constrangimentos que elas sofreram exatamente por serem mulheres. “O cartão de auxílio financeiro mensal, concedido como medida inicial de compensação, por exemplo, foi entregue prioritariamente aos homens, e as atividades informais que muitas delas exerciam, como corte de cabelo,

produção de doces, artesanato, tarefas na lavoura e pesca não foram reconhecidas como perda de trabalho e renda para efeito de indenização”, afirma a doutora.

A lama continua

Além de terem seus direitos negados, as mulheres foram sobrecarregadas com novos afazeres domésticos, como a incumbência de cuidar das pessoas que adoeceram em razão do rompimento da barragem. Débora Rosa também constatou que essas pessoas se isolaram socialmente, pois perderam a relação com vizinhas e familiares próximos que auxiliavam nas tarefas de cuidado.

Isso tudo se junta aos obstáculos que a mulher enfrenta para que ser ouvida. “A dificuldade de participação é dupla. De um lado, existe o desafio de estar presente nas muitas reuniões para discutir o processo de reparação. Participar de uma reunião significa deixar de fazer outras tarefas ou ficar sobrecarregada para conseguir executá-las mais tarde. De outro, existe o desafio de ser ouvida e considerada quando fala e se posiciona nos diferentes espaços em que atua”, analisa Debora Rosa.

Tese: *Violências e resistências: Impactos do rompimento da barragem da Samarco/Vale e BHP Billiton sobre a vida das mulheres atingidas em Mariana/MG*

Autora: Débora Diana da Rosa

Orientadora: Claudia Mayorga

Defesa: março de 2019 no Programa de Pós-graduação em Psicologia da Fafich

HOSPEDEIRO sem força

Investigação da UFMG revela baixo potencial de macacos como transmissores de leishmaniose ao mosquito-palha, principal vetor da doença

Matheus Espíndola

A leishmaniose visceral é uma doença zoonótica de alcance mundial causada pelo protozoário *Leishmania infantum*. É endêmica no Brasil, e seu principal vetor de transmissão é o mosquito-palha (*Lutzomyia longipalpis*). Em 2010, foi registrado o primeiro caso de leishmaniose visceral clínica em um primata não humano no zoológico de Belo Horizonte. “Desde então, sabe-se que os primatas não humanos são suscetíveis à infecção pelo protozoário. Mas ainda pouco se conhece sobre o papel dos macacos como reservatórios do parasita, ou seja, sua habilidade de manter o patógeno no organismo e disponibilizá-lo para o vetor”, afirma a veterinária Ayisa Rodrigues de Oliveira, doutoranda em Patologia Animal na Escola de Veterinária da UFMG.

Ayisa é a principal autora do artigo *Competence of non-human primates to transmit Leishmania infantum to the invertebrate vector Lutzomyia longipalpis*, publicado em abril deste ano na revista científica *Plos Neglected Tropical Diseases* e divulgado na plataforma PubMed, da Biblioteca Nacional de Medicina

dos Estados Unidos. “Avaliamos o potencial de transmissibilidade da leishmaniose visceral por espécies de primatas utilizando o xenodiagnóstico. O processo consiste na exposição dos macacos aos mosquitos ‘limpos’ da doença (assépticos), com posterior exame dos vetores para detectar a contaminação pelo protozoário”, explica a autora.

Uma das conclusões do estudo, segundo a pesquisadora, foi a de que os macacos são, de fato, capazes de transmitir o patógeno para o mosquito-palha, mas, de maneira semelhante ao que ocorre com os seres humanos na leishmaniose visceral por *L. infantum*, é baixa a carga transferida do microorganismo. “Os macacos possivelmente se comportam como hospedeiros terminais, ou seja, não têm participação relevante no ciclo de transmissão. Sua carga parasitária é potencialmente insuficiente para que o mosquito consiga infectar e provocar a doença em outro hospedeiro. Contudo, eles ajudam na manutenção do agente no ambiente”, analisa Ayisa Rodrigues. Ela acrescenta que estudos de natureza análoga, dos quais também participou, indicam que o cão doméstico é o animal tido como “hospedeiro amplificador” da doença, capaz de gerar cargas parasitárias com poder de infectar outro hospedeiro.

O trabalho, multidisciplinar, foi realizado por Ayisa e outros pesquisadores do Departamento de Clínica e Cirurgia Veterinária da UFMG, em parceria com os departamentos de Parasitologia e de Patologia Geral, do Instituto de Ciências Biológicas (ICB) da UFMG, da Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica de Belo Horizonte e do Instituto René Rachou, da Fiocruz Minas.

Saúde e conservação

O experimento com os primatas foi realizado de abril a junho de 2017, na Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica de Belo Horizonte. A pele da orelha dos

animais, por ter menos pelo e ser um alvo mais fácil, foi exposta durante 30 minutos a enxames de mosquitos-palha criados no laboratório do professor Nelder Gontijo, do ICB. Em oito dos 52 animais – chimpanzés, micos-leões dourados, macacos-pregos e um macaco talapoin – submetidos ao xenodiagnóstico, foi confirmada a presença do protozoário. O número de protozoários detectados nos vetores variou de 5,67 a 1.181,93 por micrograma de DNA. Segundo Ayisa Rodrigues, no caso de cachorros infectados, o índice chega a ser 30 vezes maior.

Também envolvido na investigação, o professor Renato de Lima Santos enfatiza que o trabalho é relevante tanto para o planejamento em saúde pública quanto para o desenvolvimento de estratégias de medicina de conservação – área que tem recebido cada vez mais atenção na medicina veterinária. “No caso específico dos zoológicos, é importante que eles ofereçam boas condições para o estudo das enfermidades nos animais selvagens e mantenham ambientes com bom manejo sanitário”, defende o professor.

Artigo: *Competence of non-human primates to transmit Leishmania infantum to the invertebrate vector Lutzomyia longipalpis*

Autores: Ayisa Rodrigues de Oliveira, Guilherme Gomide e Renato Lima Santos, da Escola de Veterinária da UFMG; Ricardo Fujiwara e Nelder Gontijo, do Departamento de Parasitologia, e Tatiane Alves, do Departamento de Patologia Geral, do ICB/UFMG; Herlandes Tinoco, Maria Elvira Loyola, Carlyle Mendes e Angela Tinoco, da Fundação de Parques Municipais e Zoobotânica de Belo Horizonte; Edelberto Santos, Érika Monteiro, Fabiana de Oliveira, Andreza Maia e Nathália Pereira, do Instituto René Rachou, da Fiocruz Minas.

Disponível em:
<https://urlzs.com/3KRAD>



Macacos do zoológico de BH: hospedeiros terminais

Saúde **CEREBRAL** ainda que **TARDIA**

Neurologista da UFMG estuda efeitos da alfabetização sobre a memória e a capacidade cognitiva de adultos

Teresa Sanches

A médica neurologista Elisa de Paula França Resende se comove ao perceber os progressos apresentados pelos voluntários – de 23 a 80 anos – participantes de sua pesquisa que busca dimensionar os efeitos da alfabetização tardia sobre a memória e a conectividade cerebral. “Como é bonito vê-los aprendendo a ler”, observa. Em consonância com pesquisadores do mundo inteiro, Elisa sustenta que o baixo nível educacional integra seletivo grupo de fatores de risco controláveis da demência – os outros são a hipertensão arterial, o diabetes, o tabagismo, o sedentarismo, a depressão e a perda auditiva, este de constatação mais recente.

Considerada uma síndrome clínica, a demência apresenta conjunto de sintomas decorrentes de várias causas irreversíveis. No entanto, 30% delas, incluindo o baixo nível educacional, são possíveis de prevenção. Esse é o objeto da pesquisa, iniciada este ano, pela médica, que integra o Grupo de Neurologia Cognitiva do Comportamento do Hospital das Clínicas, coordenado pelo seu professor e orientador, Paulo Caramelli.

Também doutoranda do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Neurociências da UFMG, Elisa França vai investigar, até 2020, cerca de 50 estudantes matriculados na Educação de Jovens e Adultos para comprovar se, mesmo na fase adulta, a alfabetização pode contribuir para a saúde cerebral das pessoas. “Nossa expectativa é validar a hipótese de que os estímulos gerados pela escolarização contribuem para produzir mais conexões cerebrais e estratégias de memorização por parte dos estudantes. Caso se confirme, vamos mostrar, mais uma vez, que, mesmo tardiamente, a educação tem papel de promover a saúde cerebral das pessoas”, afirma. Os voluntários passarão por avaliação da memória, realizada por meio de testes neurocognitivos, como os de raciocínio e orientação, e exame de ressonância, no início e término da pesquisa, para comparação dos resultados.

Segundo a pesquisadora, que participou, nos últimos dois anos, do Programa de treinamento Atlantic Fellows, para formação de líderes em saúde cerebral do Global Brain

Health Institute, especialistas dos Estados Unidos, da França, da Inglaterra e da Holanda demonstram que pacientes com alta escolaridade têm mais conectividade cerebral, maior resiliência e tolerância diante dos



Foca Lisboa | UFMG

Elisa: escolarização estimula conexões cerebrais

sintomas da doença. “Ainda não sabemos se estudar por mais tempo gera mais conectividade cerebral, ou vice-versa. No entanto, alguns estudos revelam que pessoas com mais de 12 anos de escolaridade apresentam os sintomas da demência cerca de oito anos mais tarde e são mais tolerantes à doença, em comparação com pessoas de baixo nível educacional”, relata.

Desigualdades

A convite do diretor do treinamento, Bruce Miller, Elisa Resende – que em 2016 foi a única neurologista representante da América Latina na equipe – publicou o artigo *Saúde e desigualdades socioeconômicas como contribuintes para a saúde do cérebro*, no periódico *JAMA Neurology* (<https://bit.ly/2HJVxyF>). No trabalho, ela indica dife-

rentes taxas de demência entre populações diversas, ou até mesmo entre populações de regiões de um mesmo país, em razão das disparidades socioeconômicas, fator visto como forte determinante da doença, até mais que a raça e indicadores culturais. “A idade e risco genético ainda não são modificáveis, mas os problemas atribuídos às condições socioeconômicas, como o baixo nível educacional e dieta pobre em nutrientes, representam 30% dos riscos que podem e devem ser alterados”, reforça a neurologista.

Pesquisas realizadas nos Estados Unidos, que acompanham pacientes desde 1970, revelam queda de novos casos de demência entre a população com escolaridade acima do ensino médio, resultado encontrado também em Cuba. Segundo a neurologista, outros estudos também sugerem que há uma relação entre memória e tamanho do hipocampo (região do cérebro responsável pela memória). “Em pessoas com pelo menos quatro anos de escolaridade, quanto maior o hipocampo, melhor a memória. Embora os pesquisadores também desconheçam a causa e o efeito dessa relação, trata-se de mais um indício dos estímulos educacionais sobre o cérebro humano”, acrescenta Elisa França Resende.

SEM CURA

Doença progressiva e ainda sem cura, a demência afeta, principalmente, idosos, comprometendo as funções cognitivas – a memória, a linguagem, o raciocínio, a atenção e, como consequência, a capacidade de gerir a própria vida, desde o ato de se vestir e se alimentar, até o desempenho de atividades mais complexas, como dirigir.

Como a idade é um dos principais fatores de risco, o número de casos deve aumentar em quatro vezes, até 2015, nos países em desenvolvimento, cuja expectativa de vida é ascendente. Nos Estados Unidos, a demência é a doença mais dispendiosa, gerando custos de US\$ 200 bilhões anuais.

MELHORANDO O ACESSO

Professores da UFMG são premiados por avanços na pesquisa sobre hemodiálise, que buscam reduzir a mortalidade por infecções e a falência vascular

Guilherme Gurgel*

Os professores Guilherme de Castro Santos e Túlio Pinho Navarro, do Departamento de Cirurgia da Faculdade de Medicina da UFMG, foram premiados por dois de seus estudos apresentados no 5º Congresso Brasileiro Multidisciplinar de Acesso Vascular para Hemodiálise. Os trabalhos propõem soluções para os pacientes que perderam a função renal e precisam realizar a hemodiálise.

Segundo o professor Túlio Navarro, líder do grupo, as premiações em um evento dedicado ao assunto são um grande estímulo para continuar a buscar melhores condições e atendimento a esses pacientes. “Nossa equipe está na vanguarda de novas técnicas e tecnologias. Portanto, somos responsáveis por propagar inovações e isso foi evidenciado nestes trabalhos”, afirma.

O congresso ocorreu em março, em São Paulo, e reuniu profissionais de diversas áreas que se dedicam ao estudo de acessos vasculares para hemodiálise. Comissão julgadora formada por especialistas da área concedeu aos trabalhos dos professores a primeira e segunda colocação na modalidade pôster.

Punção direta

O professor Guilherme Santos revela que, no Brasil, aproximadamente 120 mil pessoas realizam hemodiálise periodicamente, procedimento responsável por uma taxa de mortalidade de 20% ao ano. “Entre as causas, duas das principais são a infecção por cateter e os eventos cardiovasculares”, acrescenta. Essas complicações são os focos dos estudos premiados, que oferecem alternativas mais seguras para que o paciente possa realizar o tratamento.

Santos explica que a hemodiálise exige acessos vasculares, locais por onde o sangue sai para a limpeza, por meio da máquina de diálise, e é devolvido para o organismo após a filtragem. Esse acesso vascular pode ser feito por três técnicas: cateter, prótese e fístula.

Em longo prazo, explica o professor, quem faz hemodiálise acaba perdendo os acessos por desgaste nas veias, fenômeno chamado de falência vascular. “Um dos estudos premiados é sobre o caso de uma paciente com falência vascular, encaminhada



ao nosso serviço, que não tinha mais nenhum acesso. Conseguimos implantar um cateter na veia cava da paciente, por meio de punção direta, o que possibilitou que ela fizesse a hemodiálise”, explica.

Segundo o professor, a punção da veia cava é uma técnica de exceção, já que geralmente não é acessível para a implantação de cateter. Mas destaca a realização do procedimento nesse caso muito específico, o que ampliou a sobrevida da paciente.

Entretanto, ele ressalta que, entre as opções disponíveis para a hemodiálise, o cateter tem a maior taxa de mortalidade. Isso acontece porque parte do tubo fica fora do corpo. Assim, o paciente sofre uma série de restrições e tem mais risco de contrair infecções.

Melhorar a segurança das pessoas que lidam com esse risco foi o objetivo do estudo premiado em primeiro lugar. O professor Guilherme Santos explica que a pesquisa foi conduzida com pacientes que já tinham falência vascular e, por isso, não poderiam fazer a hemodiálise através de fístulas ou próteses. Assim, o acesso era feito por cateter. “Então, testamos uma nova técnica, uma prótese colocada no membro superior e conectada aos vasos da região da axila. Constatamos que essa inovação possibilitou que os pacientes deixassem de usar o

cateter”, esclarece. Os trabalhos premiados foram desenvolvidos pelo grupo de pesquisa especializado em acessos vasculares para hemodiálise, do Hospital das Clínicas da UFMG. Veja abaixo:

1º lugar

Título: Prótese arteriovenosa áxilo-axilar ipsilateral como alternativa de acesso em pacientes em uso crônico de cateter – série de casos

Autores: Guilherme de Castro Santos, Camilo Meygede Brito, Izis Ferreira Valadão, Ricardo Jayme Procópio e Túlio Pinho Navarro.

2º lugar

Título: Punção de cateter translombar em veia cava inferior e em paciente com falência vascular – Relato de caso

Autores: Guilherme de Castro Santos, Elisa Lima Alves, Ricardo Jayme Procópio e Túlio Pinho Navarro

*Bolsista de jornalismo da Faculdade de Medicina

AMÉRICA PORTUGUESA

O Centro Acadêmico do curso de Ciências do Estado promove o simpósio História e Direito na América Portuguesa, com a proposta de considerar, com base em análises de fontes primárias, as diversas perspectivas sobre o tema, desde a compreensão da corrupção, passando pelo cotidiano da atuação da Justiça Eclesiástica, até a presença da Inquisição em territórios coloniais brasileiros e seus mecanismos de criminalização.

O evento será no dia 7 de junho, das 9h às 17h, na sala da Congregação da Faculdade de Direito (Avenida João Pinheiro, 100 - Centro). Inscrições devem ser realizadas pela página do evento no *Facebook*, onde a programação também está disponível: <https://bit.ly/2XkDWmp>.

SUA UFMG NA INTERNET

O site da Mostra Sua UFMG (<https://www.ufmg.br/mostra/>), lançado no dia 24 de maio, véspera do evento presencial, que reuniu 30 mil pessoas no campus Pampulha, continua disponível para consulta. A página, desenvolvida pelo Centro de Comunicação Social, hospeda a edição especial da Revista Diversa, com textos, fotos e vídeos sobre os 91 cursos de graduação oferecidos pela Universidade.

Os visitantes também podem conhecer as diversas possibilidades de assistência estudantil, mobilidade, mercado de trabalho, atividades culturais e esportivas, além dos serviços disponíveis.

ESTUDOS MINEIROS

Mineração, cidadania e história é o tema da 12ª edição do Seminário de Estudos Mineiros, que será realizada de 12 a 14 de junho, no auditório A-102 do CAD 2, campus Pampulha. O evento reunirá representantes do Ministério Público de Minas Gerais, de empresa e movimento da área ambiental, jornalistas e pesquisadores da UFMG e de várias universidades.

Promovido pelo Centro de Estudos Mineiros da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (Fafich), o seminário inclui simpósios temáticos, na parte da manhã, e mesas-redondas e conferências à tarde. No dia 12, às 18h, haverá abertura da exposição fotográfica *Minas exportando mineração. O caso do Corredor de Nacala-Moçambique*, com curadoria de Eduardo Viana Vargas, seguida do recital do Coral de Câmara da Escola de Música e de lançamento de livros.



UFMG JOVEM

Professores de escolas públicas e privadas da educação básica de Minas Gerais já podem inscrever trabalhos na 20ª UFMG Jovem [foto], que será realizada nos dias 19 e 20 de setembro, no saguão do CAD 1, campus Pampulha. Nesta edição, que marca os 20 anos de criação do evento, o tema será *Biodiversidade, tecnologia e arte*.

Podem participar da feira escolas das redes pública e privada de Minas Gerais, da educação infantil, ensinos fundamental e médio e também as modalidades da educação profissional e educação de jovens e adultos. Cada professor poderá concorrer com até dois projetos. As inscrições terminam em 7 de julho, e o resultado da seleção será divulgado no dia 9 de agosto.

Os critérios para produção do trabalho estão estabelecidos na chamada publicada no site da Pró-reitoria de Extensão: <https://bit.ly/2Wx6kEC>. Mais informações podem ser solicitadas pelo e-mail ddc-conhecimentoparatodos@proex.ufmg.br ou pelos telefones: (31) 3409-4427 e (31) 3409-4428. O evento é organizado pela Diretoria de Divulgação Científica (DDC).

FLAUTISTAS NO CONSERVATÓRIO

O Conservatório UFMG recebe, de 5 a 8 de junho, o Primeiro Encontro de Flautistas de Belo Horizonte. Com direção artística da doutoranda da Escola de Belas Artes da UFMG, Aline Parreiras, o evento reunirá mais de 20 flautistas da cena musical mineira.

Os interessados podem participar dos concertos, workshops, oficinas e masterclasses como ouvintes. Programação e formulário de inscrição estão disponíveis na página do evento: <https://bit.ly/2K9YiLe>.

ESTRALADABÃO

A Editora UFMG recebe, até 2 de setembro, inscrição de obras originais, com temáticas diversas, para compor o selo Estraladabão, especializado em divulgação científica para o público infantojuvenil.

As inscrições podem ser feitas pessoalmente ou por meio dos correios. Os documentos listados em edital (<https://bit.ly/2LkdLdZ>) devem ser endereçados à Editora UFMG (Avenida Antônio Carlos, 6.627 – CAD 2, bloco 3, sala 408, campus Pampulha, Belo Horizonte-MG). O atendimento é de segunda a sexta-feira, das 9h às 12h e das 13h às 17h. O resultado da seleção será divulgado no dia 4 de dezembro, e as obras serão publicadas em 2020.

FUTEBOL E DIMENSÕES POLÍTICAS

No dia 10 de junho, às 14h, o jornalista esportivo Breiller Pires, da ESPN e do jornal El País, fará palestra, no auditório principal da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional, sobre as dimensões políticas do futebol, mídia e lazer. Graduado em Comunicação Social pela UFMG, Pires vai expor sua percepção sobre os aspectos sociais do esporte, expresso em seus textos e comentários, reconhecidos com várias premiações.

Promovido pelo Programa de Pós-graduação Interdisciplinar em Estudos de Lazer (PPGIEL) e pelo Grupo de Estudos sobre Futebol e Torcida (GEFuT), com apoio do Centro Esportivo Universitário (CEU), o evento é gratuito e necessita de inscrição prévia pelo formulário disponível no endereço <https://bit.ly/2Mhorub>.

Entre a **CIÊNCIA** e a **ARTE**

Professor Eduardo Valadares, do Departamento de Física, lança tradução de coletânea de poemas do francês Paul Valéry

Renata Valetim

Autor de quatro livros no campo da física e de duas compilações de poesias – *Crepúsculo*, poemas selecionados do escritor alemão Stefan George, e do autorial *Discreto afeto*, ambos publicados pela Editora Iluminuras –, o professor Eduardo de Campos Valadares se divide entre o trabalho como professor titular do Departamento de Física do ICEx e o prazer de fruir e de produzir literatura. Ele lança, no próximo dia 13, a coletânea bilingue *O azul e o mar*, do poeta pós-simbolista francês Paul Valéry, coedição da Editora UFMG e da Ateliê Editorial.

Não é a primeira experiência de tradução poética empreendida por Valadares. Assim que retornou ao Brasil, em 1983, após um período na Alemanha, ele se interessou pela obra de Stefan George (1868-1933), da mesma escola poética de Paul Valéry – ambos foram influenciados pela expressão simbolista de Stéphane Mallarmé (1842-1898). Autodidata no aprendizado de idiomas, ele conta que a experiência de 14 anos dedicados à tradução do poeta alemão – que culminou com a publicação bilingue de *Crepúsculo*, em 2012 – foi importante para a concepção do livro que lança agora. Contudo, sua nova experiência de tradução poética teve significativo suporte de recursos *on-line*, como dicionários de rimas e separadores automáticos de sílabas.

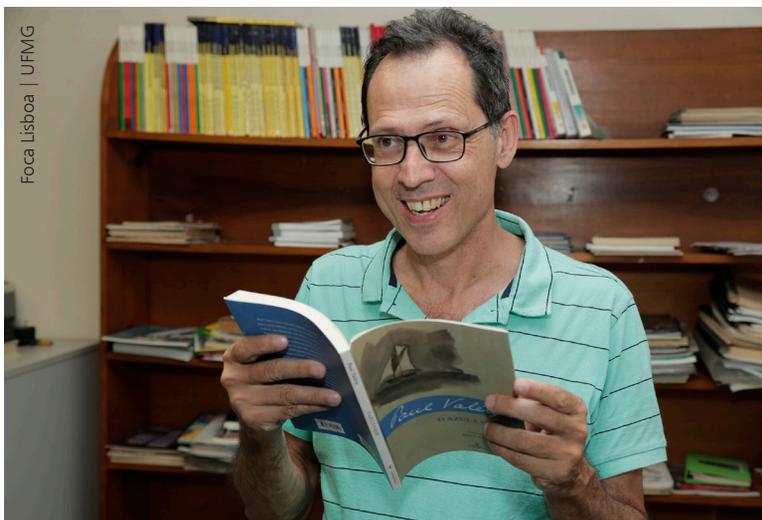
Valadares relata que a iniciativa surgiu da leitura de um poema de Valéry, *O cemitério marinho*, no momento em que ajudava a filha com atividades escolares. Para ele, a

tradução que tinha em mãos, dos anos 80 do século passado, não refletia a dicção do poeta. Assim começou, sem grandes pretensões, a produzir a sua própria versão do poema em português. No contato com outros textos do autor extraídos da internet – toda a obra do poeta francês é de domínio público – continuou se arriscando a fazer recriações. Quando se deu conta, tinha uma antologia poética em mãos.

pode ser uma ferramenta poderosa na criação artística, ao alcance de todos. Além do lançamento, o evento conta com a apresentação musical de Sérgio Freire, da Escola de Música, que também abordará as potencialidades da computação na prática musical.

A abertura do evento, apoiado pelo Instituto de Estudos Avançados Transdisciplinares (IEAT), será feita pelo professor emérito Virgílio de Almeida, do Departamento de Ciência da Computação do ICEx, que vai falar sobre os novos horizontes do campo

e sua interface com a arte. Os agenciamentos técnicos e coletivos na imagem digital serão objeto da intervenção do professor Virgílio Vasconcelos, do Departamento de Fotografia e Cinema da Escola de Belas Artes. Os pesquisadores da Fale Adriana Pagano, Kicila Ferreguetti e André Rosa discutirão o uso de algoritmos na análise e recriação de textos. Além disso, o próprio Eduardo Valadares relatará sua experiência de tradução poética com o uso de ferramentas da internet.



Valadares: traduções contam com suporte de recursos da internet

Tecnologia e criação artística

A experiência de produção do livro com a utilização de ferramentas disponíveis na internet e o desejo de conhecer diferentes perspectivas da utilização da computação para a composição artística resultou na organização do Simpósio *Arte e Computação – o impacto da computação na arte*, que reúne docentes de diferentes áreas do conhecimento para um debate sobre como a tecnologia digital

Evento: Simpósio Arte e Computação

Data: 13/6, às 14h

Local: auditório B106 do CAD 3, campus Pampulha

Lançamento do livro *O azul e o mar*, edição bilingue de poemas de Paul Valéry, traduzida por Eduardo de Campos Valadares

Entrada aberta ao público